

PODER E O NÃO PODER

“Não faço o mínimo César, para te agradar. Nem quero saber se és branco ou preto”

É, o velho Herculano não sossega. Tira do seu baú os apetrechos com que fabrica mágicas, bruxarias, poesias e dignas infâmias. Afinal é uma infâmia desprezar Césares, papas e presidentes.

Mas assim como Catulo, Herculano está pouco se lixando para os imperadores, os representantes do poder que imperam dores. O poder de Catulo está exatamente na renúncia voluntária do poder. Se torna poder pelo não poder, e não se obriga na sua cartilha ao “Ave César!”

Herculano parece ser capaz de enaltecer quem lhe pareça merecer, mesmo que não tenha esse a chancela do poder. Por outro lado, foge como o diabo da cruz, quando o poder revela um enaltecido de sua escolha. Pode reconhecer, mas não empresta de si. Não por não considerar, mas para não dar aquilo que o outro não precisa, ou na pior das hipóteses, não deseja.

Está o velho bruxo mais interessado no que se passa nas tavernas, mercados e prostíbulos, do que nos salões de mármore dos senados corruptos. Frui mais

prezer nos bastidores da arena, entre os leões gladiadores, palhaços e dançarinas, do que entre os perfumes enjoativos e a maquilagem simiesca de “mulheres” manequins. Evita os louros das gerontocracias decrépitas.

Capaz de se agradar com o cheiro de refogado da senzala, mais do que o banquete insosso do chato do César e seu séquito de puxa-sacos.

Catulo, Herculano. Entre um e outro, um tempo transcorreu, mas não o suficiente para mudar o sentido aguçado de alguns humanos.

Humanos que sabem que o poder para se sustentar ético, o que não é tarefa fácil, nunca surge do modo como é demandado. O poder do não poder trafega por outras bandas.

Não interessa para esses humanos o poder que se apropria, que se estrutura sobre o gozo predatório, nem pelo não poder de quem se submete por escolha. É triste, mas são farinhas do mesmo saco.

Voltam-se para uma espécie de legítimo poder, assinalado e determinado pela verdadeira relação, masculino/feminino em perfeita harmonia.

Utópicos? Loucos? Poetas? ou simplesmente sonhadores? Podem até ser, mas como disse o saudoso John Lennon: “You may say I’m a dreamer, but I’m not the only one”

Pedro Paulo é psicanalista e Presidente do Fórum de Ciências, Artes e Ofícios